

OK

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DE

ENTREVISTADO: GILDO WILLADINO

ENTREVISTADORES: JORGE N. FIGUEIREDO E JEANINA DAHER

DATA: 15.04.92

CONTINUAÇÃO...

ENTREV.: ESTAMOS AQUI PELO PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DISTRITO FEDERAL, EU, JEANINA DAHER E JORGE NÉLIO FIGUEIREDO, ESTAMOS AQUI PARA RETOMAR O DEPOIMENTO COM O PROFESSOR GILDO WILLADINO, HOJE 15 DE ABRIL DE 1992, NO CEUB. PROFESSOR, VAMOS RETOMAR O SEU DEPOIMENTO?

RESP. : Bom, é bom... que pergunta?

ENTREV.: NÓS TÍNHAMOS PARADO, QUANDO O SENHOR ESTAVA FALANDO SOBRE AS LEIS DE EDUCAÇÃO. FALANDO SOBRE A LEI DE DIRETRIZES E BASE, (INCOMPLETO) REPRESENTAVA A LEI 4024, DE 61.

RESP. : Bom, tem que se lembrar e eu não sei se eu falei antes, que em 61, essa Lei de Diretrizes e Base, substituiu a Reforma Capanema de 43. Mas a Reforma Capanema do Ensino Secundário, que era separado secundário do técnico e dos normais. Parou? está ligado de novo? (ENTREV.: TÁ!) - A reforma de 43 do Ensino Secundário, dizia na exposição de motivos, que era para preparar a Elite dirigente da nação. Ou seja, o ginásio era para a elite. E tinha os programas, não só as disciplinas, como os conteúdos programados pelos básicos ou unificados em todo país. Isso não é de se estranhar a unificação, porque na França a coisa era mais rígida antes da guerra. Cada aula de cada série, tinha o mesmo horário. E no mesmo dia era desenvolvido o mesmo conteúdo. Então, você mudava de uma cidade para outra, meu filho ia pegar aula se-

guinte, direitinho e a fiscalização do governo era assim e as provas eram estatais. Aqui no Brasil as provas não eram estatais, mas tinha que haver inspetor federal em cada prova do 1º semestre, não nas chamadas: sabatinas, que eram as mensais e nas provas finais, inclusive oral, em que o inspetor tinha que assinar a ata. Então, em 61, finalmente teve a Lei de Diretrizes e Base, que deu maior liberdade ao currículo, mas cortaram muito coisa que pode ser ou não importante. Por exemplo, anteriormente, na reforma de Francisco Campos, o ginásio tinha 5 anos e depois vinha exatamente o nome de pré-universitário; era o pré. Naquela época, no ginásio, se estudava, não só português, como: latim, grego, espanhol, francês e inglês; seis idiomas, incluindo o nosso. A reforma de 61, acabou o fim do estudo latim, não era para ninguém falar em latim, mas conhecer os nossos radicais. Mas já tinha, antes já tinha se perdido o grego. Então, não era para ninguém falar grego, entender um pouquinho de estrutura de idioma, etc. Então, a situação melhorou bastante nesse ponto. Mas o que ocorreu, não só no Distrito Federal, como em todo Brasil, foi que o sistema não soube se adaptar, o ensino público, não soube se adaptar às populações carentes. É muito difícil estabelecer um ponto de equilíbrio. Ou seja, até que ponto tem que se carregar a turma meio na marra e até que ponto tem que se conceder as carências. E minha impressão, pelo que tenho andado pelo Brasil e já andei muito, é que o ensino acabou sendo nivelado por baixo. Daí o sucesso das escolas particulares, que lidam com a elite. Para entrar na primeira série da escola particular, quase todas exigem,

o que eles chamam de vestibulinho. O aluno tem que entrar na primeira série, já sabendo ler e escrever e contar. E então, é um sistema de corrente. As crianças vem de pré-escolar. Além disto, o pai de classe média-média, média-alta lê jornal, lê livro, de vez em quando; hoje em dia cada vez se lê menos; uma conversa sobre os mais trabalhados. E nas populações mais pobres, o pai passa o dia inteiro fora, quando chega em casa está um bagaço, com frequência analfabeto ou mal alfabetizado; a mãe, ou trabalha para fora ou tem um bando de filho, não pode dá atenção, também o nível de instrução é baixo. Então, a escola foi se acomodando para essa situação. Eu, particularmente, acho que é um prejuízo para o aluno, a figura do professor bonzinho. Não que é professor Ferre, mas ele tem que ser exigente, depois tem que entender, um pouquinho, o espírito da turma. Bom, na verdade, o professor, já há muito tempo no Brasil, é um professor assoberbado por carga horária. Acho que é o mais comum na Fundação Educacional, ter professor com contrato de 40 horas. São 32 de aula. O professor dar duas aulas por semana devido ao currículo, ele tem 16 turmas, como é que vai conhecer aluno? ele só conhece os mais brilhantes. E do outro lado, ele não conhece nem os mais fracos, conhece os indisciplinados. Então, dá uns três ou quatro alunos mais talentosos, três ou quatro que fazem um pouquinho de bagunça e fica de trinta e cinco a quarenta que ele não tem nem idéia de qual seja a cara, muito menos do nome. Então, um princípio pedagógico, que é o professor conhecer o aluno, o mundo atual não está permitindo. O professor da Fundação Educacional, esse

mês de março, recebeu inicial para 40 horas 660 mil e os motoristas da TCB e das outras companhias de transporte de Brasília, vão para 800 e pouco. Não estou comparando a natureza qualitativa do trabalho, porque motorista de ônibus é importante, mas para ser professor nível C, tem que fechar universidade. Então, se o professor do Distrito Federal é razoavelmente bem pago, em relação a outras unidades da federação, ele é muito mal pago em relação à profissão que exerce. Aqui no CEUB, por exemplo, para dar 8 horas semanais, claro! sou veterano, eu ganho mais que professor inicial 40 horas da Fundação Educacional, mas os novatos do CEUB ganham muito pouco, a ponto tal, que se tem que pegar um táxi da Asa Sul para cá para dar uma aula dupla, eles acabam pagando para dar aula, porque o táxi é mais caro do que eles ganham. Então, a situação do professor, é uma situação muito penosa no Brasil ainda.

ENTREV.: E NO BRASÍLIA, NO INÍCIO, NÃO ERA ASSIM?

RESP. : Digamos que no Brasil todo era diferente. Para dar uma idéia, em 61 foi feito um acordo com os professores, que passaram a ganhar seis salários mínimos. O salário mínimo era oito mil, seis salários mínimos seria... ((ENTREV.: 48 MIL.)- ...quarenta e oito mil, que foi o que eu ganhava. Hoje em dia os professores da fundação ganham mais do que seis salários mínimos. (ENTREV.: MAS É PORQUE O SALÁRIO MÍNIMO, O SALÁRIO MÍNIMO É QUE ENCOLHEU.) - Exatamente! quer dizer, o arrasamento dos salários no Brasil, tem sido terrível ao longo dos últimos 30 anos. Com um salário mínimo, em qualquer capital brasileira, inclusive em Brasília, podia se morar nu

ma pensão, muito mais que isso, morar numa pensão com café da manhã, almoço, jantar e sobrar uns troquinhos para transporte, para pegar um cinema, para comprar cigarro e de vez em quando um jornal. Eu sei, porque eu ganhei salário mínimo dois anos quando comecei a trabalhar e tinha isso. E pensão assim, que trocavam, lavava roupa de cama, comida era razoavelmente boa, etc. Hoje em dia, com um salário mínimo, não dá nem para pagar transporte. (ENTREV.: É VERDADE!) - E comer, então, é impossível. Houve achatamento geral. Houve um esmagamento da massa salarial no Brasil, que é um dos países que tem menor participação dos salários no produto interno bruto. Nos países desenvolvidos, mais de dois terços da renda nacional é salário. No Brasil, mal e mal está atingindo 30% e nisso se inclui os altíssimos salários de várias empresas particulares; estatais ou de iniciativa privada. Então, a nossa sanfona salarial, é muito mais agressiva e brutal de qualquer país desenvolvido. Nunca há uma proporção tipo 70 para 1, entre os que estão na faixa do piso e os que estão no teto. Eu ganhei 50 salários mínimos e quando passei a 20 salários mínimos, eu disse: estou feito na vida! Hoje em dia estou com 50 e o dinheiro não dá. Simplesmente não dá para meus hábitos: viajar. Pegar um avião daqui a Salvador está 700 mil, 750. Mas nosso país está empobrecendo. Essa pobreza atinge o alunato, muitos dos quais subnutridos, com uma carência cultural enorme e até de passagem, um aluno de zona rural, ele tem uma vida mais rica, interiormente, que o de zona urbana. O pobre, porque o de zona rural vai aprendendo coisa em casa, tem contato com a natureza, ajuda a

alimentar galinha, menina ajuda mãe a fazer comida, isso e aquilo. E o que que faz uma criança, digamos, agora em Samambaiá, ou em Ceilândia, ou Planaltina, urbano quando não está na escola, numa casa pequena cheia de irmãos? Onde é que ele vai se soltar e qual é o estímulo intelectual que tem? e esse gigantismo das cidades brasileiras, assoberbados por favelas e Brasília praticamente não tem favela, vários governos trabalharam nisso, mas essa miséria de quem não tem água, não tem esgoto, como é a periferia, para pegar as piores, não a do Rio. As favelas do Rio são bem estruturadas, quase todas. Mas se a gente pegar: Salvador, Recife, Fortaleza, se está em outro país, tão ou mais miserável que Bangladesh.

ENTREV.: ESSE INCHAÇO DE UMA CIDADE DOS CENTROS URBANOS, SE DEVE AO ÊXODO RURAL POR CAUSA DA QUEDA DE QUALIDADE DE VIDA NO CAMPO, NÃO É?

RESP. : Sim e não! é que a cidade tem muito atrativo desde a década de 20 em que começou o rádio. Não tem uma casa do interior brasileiro que não tenha rádio. E agora, a televisão se espalhou, porque a televisão, também, de certa maneira, acabou com o livro. Eu mesmo, leio muito menos agora, literatura, preparar eu não preparo. Mas ler literatura, é difícil, porque eu posso me estabacar frente à televisão tomando um uísque, fumando um cigarro e vendo um filme. E agora tem os vídeos cassete, vou enfrentar um tijolo! não é fácil. Tijoloço, um Guerra e Paz 13 volumes. Mas a cidade foi atraindo. Essa atração não é tão dramática, quanto pode parecer para o mundo. Os Estados Unidos só têm 6% de população rural; 6% e são os maiores produtores agrícolas per

capita do mundo; está tudo capitalizado. A pequena propriedade acabou, a média acabou, o pessoal foi para as cidades que são, o que o Gilberto Freire chamava de "rurbanas", mas que tem sua escola, tem comunidade organizada, etc. Os conceitos e preconceitos de cada região dos Estados Unidos. Na França, a população rural deve estar em torno de 20%, mas a França e quase toda a Europa, para manter o cidadão da zona rural na zona rural, subsidia fortemente. Mais ou menos, a metade do custo da produção europeia é paga pelo Estado para o sujeito ficar lá. E eles têm excedente de produção. Agora, no Brasil a miséria no campo, que era grande, acabou se tornando maior, a população vai na ilusão da grande cidade e é ilusão, não é? é ilusão, porque vai sofrer nas filas do INAMPS, não vai acabar achando um leito hospitalar, porque não tem no interior. Vai acabar achando uma escola para os filhos. Em outras cidades, aqui em Brasília viver de bico é difícil, até porque a pessoa mora em cidade satélite e tem que gastar transporte para fazer bico no Plano. Mas em outras cidades, digamos, Rio ou qualquer outra capital, mas no Rio, abaixo da favela tem Copacabana. Então, vai ser lavador de carro, isso e aquilo, etc. Brasília, nesse ponto, é muito ruim, mas essa pobreza urbana é grande e está aumentando. Ainda não temos o resultado do censo/91, mas evidentemente, os pobres do Brasil ficaram mais pobres e nós temos pobreza no Brasil; tínhamos mesmo, agora está pior, agora nós temos miséria.

ENTREV.: DE QUE MANEIRA O SENHOR COMO É QUE ISSO SE REFLETE NA EDUCAÇÃO?

RESP. : Isso tem tudo haver com educação, porque grande número das crianças, literalmente, não tem pai e não tem mãe. Tem fisicamente, pode até morar na mesma casa, mas não tem a presença. Não tem o afeto, não tem afago, todo mundo gosta de carícia, essas crianças não têm estímulo intelectual, que precisa, é a que chama de estimulação precoce. O SARAH, por exemplo, aqui em Brasília... (ENTREV.: O HOSPITAL SARAH KUBITSCHKEK?) - ...Hospital Sarah Kubitschek, tem uma escolinha para excepcionais. O que que... eles atendem umas duas vezes por semana, cada criança. Tem uns 300 alunos, essa escolinha. Eles têm estórias em quadrinhos, sem legenda, porque as mães são analfabetas, para mostrar os exercícios que tem que fazer com a criança, mas atrás do exercício está o afago da mãe para fazer o exercício. (ENTREV.: É O TOQUE MESMO.) - É o toque, é a coisa de tocar a criança. Segura os bracinhos, abre, fecha, abraça, abre e fecha; e nas pernas, etc. Criança pobre não tem afago. E é chamado de estimulação precoce. Não é querer forçar a barra de uma criança de 3, 4 anos para alfabetizá-la, porque até acho uma brutalidade, que cortem da criança a infância. Criança tem que brincar. Mas em casa vê o pai lendo, vê a mãe lendo, saindo para a rua, a l é m, mesmo assim, sem querer ele diz: olha, leve desse tipo: PEPSI ou está escrito: COCA e a criança vai se alfabetizando sem querer. E tem lápis; escrever é difícil, Quem usa a mão direita, destro, não sabe escrever com a mão esquerda, porque dominar a musculatura fina da mão, é uma coisa muito complicada, mas criança de classe média-média, recebe lápis, desenha, também risca parede. É aquilo que os

pais ficam furiosos, que dá lápis de cera e a criança borra toda parede, mas vá lá, a criança vai se desenvolvendo.

Criança pobre vai crescer o lápis na escola. Então, vai ter dois trabalhos que são brutais: dominar reflexo, controlar musculatura fina; primeiro lugar e são três. Segundo: socializar, quer dizer, aprender a viver num ambiente escolar e no ritmo disciplinar da escola, o que não quer dizer uma linha dura, mas tem que haver o mínimo de ordem na sala de aula. Disciplina, no meu conceito: disciplina é o mínimo de ordem que o professor necessita para desenvolver o seu trabalho. Pode ser um debate todo mundo brigando, de até a direção saber qual é o problema de disciplina, mas o ambiente que o professor precisa para fazer o seu trabalho. Mas a criança vai ter que se disciplinar e finalmente aprender a fazer uma coisa complicadíssima, que são ler esses sinais escritos, o que não é fácil, haja vista a dificuldade de aprender qualquer idioma estrangeiro. E a criança que vem de camada pobre, vai aprender o português chamado: culto, que ele não fala em casa. Isso é diabólico para a cabeça dessa criança, daí o grande fracasso da primeira série. A família fala de um jeito, o professor fala de outro. A família, muitas vezes, não sabe escrever e o menininho e a menininha vão ter que aprender a escrever. E esse é um problema de todo Brasil. E um corolário que está vinculado a isso, é que a pobreza vai aumentar no Brasil, mesmo que haja reerguimento econômico, porque as famílias de classe média para cima, estão, com qualquer que seja o meio anticoncepcional, limitando até dois filhos, no máximo três. A média está

em torno de dois. E as populações analfabetas do Brasil, tem em média seis. Ou seja, para um de classe média que nasce , média para cima, nascem três pobres. Então, se a pobreza está ruim, vai piorar uma boa temporada. E isso na educação tem um reflexo direto, é que eles chamam... qual é a matéria prima da educação que tem que ser trabalhada? se a gente considerar economicamente, no sentido econômico, não falo no pedagógico, o prédio, os equipamentos, a biblioteca, etc, são os bens de capital. A mão-de-obra é o professor e os servidores da escola. A matéria prima trabalhada, transformação, como se transforma madeira ou como se transforma ferro é o aluno. O aluno é transformado e tem que ser transformado, porque ele tem que adquirir hábitos, atitudes, valores, a escola sempre impõe valores subjacentemente e conhecimentos. Então, a criança vai sendo transformada. E a matéria prima está ficando cada vez pior, em média, no Brasil, porque é pobre, é sub-alimentado, não tem estímulos. Então, se houvesse algum plano de educação, tinha que trabalhar com um horizonte de 10 anos, no mínimo. E começar dando uma paradinha e dizendo o que é que temos que ensinar para essa meninada. Se olharem agora-agora a biografia dos três candidatos da Inglaterra, interessados ser primeiro ministro. Me esqueço o nome dos outros; mas é o Major, do conservador, tem o trabalhista, tem o liberal. O trabalhista é o único que tem curso superior, mas os três vem de origem humilde; e os três tiveram que trabalhar depois dos 16 anos de idade, porque até 16, lá o ensino é obrigatório. É obrigatório, no sentido da família ser intimada a manter a criança na escola, senão é pro-

cesso contra os pais, porque nós não estamos respeitando o direito da criança. Até os 16 estudam, pode ter parado na metade do 1º grau ou fechar para o segundo, mas até os 16 é obrigado a estudar. Os três têm origem humilde, mas tiveram ponto de partida. Um é filho de mineiro, o outro é de família circense e o outro é de um militar assim, tipo: tenente. Mas os caras teve uma base de partida, que na Inglaterra, mais ou menos, os educadores chegaram a um denominador comum. E conseguiram democratizar o ensino. Caiu o padrão? "caiu!" receberam muitos imigrantes. E hoje em dia o grande conflito do mundo, já não é mais a questão de comunista ou não comunista, são países ricos e países pobres. Nós somos o país pobre e nós somos olhados como os novos bárbaros e não vai vir dinheiro para os novos barbaros da Ásia, da África e da América-Latina; eles não vão investir aqui, vão investir neles. Então, nós vamos ter que contar conosco mesmo e temos que reaprender a fazer isso, mas com um sistema educacional fajuto, como o brasileiro sempre foi, porque antes era só da elite e depois "democratizou", baixou o nível. Foi feito um teste pela UNESCO em 20 países, o Brasil ficou em décimo nono, só ficou acima de Moçambique. Perdeu disparado para outros países subdesenvolvidos. Se serve de consolo, os Estados Unidos ficou em décimo-terceiro. Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Suíça, Suécia, Noruega e Dinamarca, estão disparados lá em cima. O menino japonês passa seis horas na escola e tem todos os dias, três horas, calculadas, pela escola, de tarefa escolar para cumprir. E no Japão é considerado analfabeto, quem não tem 2º grau, que tem o chamado: analfabeto

absoluto, quem não sabe ler e escrever um bilhete, que é o conceito internacional, mas cada país tem seu conceito de analfabetismo; nos Estados Unidos eles descobriram, em 41, quando o Japão atacou Pearl Harbor, o começo de 42, recrutaram, só tinha 5% de analfabetos. Na hora de botar no quartel e entregar manual, quem não tinha completado a quarta série não entendia o manual. Então, nos Estados Unidos, em 42, passou a ser considerado analfabeto funcional, quem não tinha as quatro primeiras séries. Hoje em dia, nos Estados Unidos, é quem não tem oito anos de estudo. Na Inglaterra, é analfabeto quem não estudou até os 16 anos e não fechou o segundo grau. No Japão, eles fecham na idade certa. Tem até... a coisa é tão, a pressão é tão grande, que tem criança que se suicida quando é reprovada. Acho que não devemos ao ensino japonês. Mas nós estamos passando demais a mão na cabeça das crianças e justificando como professores o nosso relaxamento: ah! eu não posso exigir mais, o pessoal não vai acompanhar, etc. Mas se você não estuda na escola, não faz força na escola, como é que vai enfrentar um concurso público, como é que vai pedir um emprego de futuro? e então, nisso, dizem: não! à noite o curso tem que ser mais leve, porque o aluno trabalha o dia inteiro. Uma grande mentira. Os meus alunos do noturno aqui e eu leciono há 23 anos no CEUB, os do noturno estudam muito mais que os do diurno. Do diurno é filho de papai, como regra. O de noturno vem aqui, porque precisa do estudo e se mata; ele faz o trabalho muito melhor, muito-muito melhores. Mas a filosofia nos cursos noturnos das escolas oficiais, é dizer: coita

dinho, chegou cansado do emprego! abona a falta, não passa o trabalho. (ENTREV.: E RELAXA.) - Isso é simplesmente acomodação de professor. E a própria fundação, quando adotou agora o ciclo básico de alfabetização, estimulou o professor a ser relaxado, porque a criança vai seguir seu ritmo. Já na exposição de motivos da área executiva, ele vai fazer o equivalente à antiga primeira série, segunda série em dois ou três anos. Quer dizer, já começa aceitando três anos. E nós temos crianças, muitas, com mais de cinco anos encaixados nessa faixa. E não é raro se achar alguém que esteja há sete anos, no equivalente a primeira e segunda série. Aquele negócio: eu vou levando minha turminha do jeito que dá, etc, sem estabelecer padrão. Com isso não tem reprovação, mas em compensação, a criança fica perdendo tempo de vida na escola. Digamos, eu levo minha turma até um certo ponto, no ano que vem eu saio da escola, entra outro professor, pega no ponto que estiver e vai tocando. Outro drama feio do sistema de ensino, é a mudança de quarta para quinta série, que até então, ele tinha uma tia e agora passa a ter seis sete matérias...

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "A" DA FITA II, REFERENTE A ENTREVISTA COM O PROFESSOR GILDO WILLADINO.

.BSB / 16.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITA POR BEBETO ALVES.

(QNN 40 CJ "F" CS 01 - CEILÂNDIA / DF. - TEL. 376 4167 "recado")